

PARCEIRO DE PESO

Vicente Nunes
Enviado Especial

Paris — A decisão do presidente Fernando Henrique Cardoso de fazer uma parada estratégica na França neste fim de semana não foi por mero desejo de respirar os ares da democracia francesa, que ele conhece tão bem dos tempos de exílio. O presidente sabe que está diante de uma grande oportunidade para estreitar as relações do Brasil com a França e com a União Européia. Por uma “feliz coincidência”, como ele costuma dizer, em julho, o Brasil assumirá a presidência do Mercosul e a França, a da União Européia (UE). É a oportunidade que os dois países esperavam para pôr em prática o plano de se tornarem os principais elos de uma aliança cujo objetivo é a criação de um contraponto ao poder dos Estados Unidos no cenário internacional.

A aproximação mais intensa entre o Brasil e a França vem sendo costurada desde 1998. Mas as conversas acabaram sendo atropeladas pelas crises da Rússia e da desvalorização do real. Agora, com a economia do Brasil dando sinais efetivos de retomada do crescimento e a França despontando como a locomotiva da expansão econômica na Europa, chegou a hora de retomar o diálogo. E é isso que Fernando Henrique fará pessoalmente na segunda-feira, quando almoçará com o presidente francês, Jacques Chirac, e jantará com o primeiro-ministro Lionel Jospin. “As relações entre o Brasil e a França estão em seu melhor momento, tanto do ponto de vista político quanto do econômico”, diz um importante interlocutor do Itamaraty. Ele está coberto de razão.

O Brasil se tornou o maior foco de investimentos franceses entre os países em desenvolvimento. Apenas nos quatro primeiros meses deste ano foram aplicados no país US\$ 1,4 bilhão oriundos da França. Ou seja, 15,3% do volume de recursos externos que entraram no país no período. Em 1999 os investimentos franceses ficaram próximos de US\$ 4 bilhões. Nas transações comerciais, Brasil e França movimentam US\$ 3,2 bilhões por ano, pelas contas brasileiras, ou mais de US\$ 4 bilhões anuais, segundo os franceses, que contabilizam como importações diretas os produtos do Brasil que entram na França pelo porto de Roterdã, na Holanda. “Há em operação no país mais de 700 empresas franceses. Isso mostra o quanto a França aposta nas relações com os brasileiros”, reforça o embaixador do Brasil na França, Marcos Azambuja.

PORTA-VOZ LATINO

Do lado político, ressalta um integrante do Ministério das Relações Exteriores francês, o fato de o presidente Fernando Henrique ser amigo de Chirac e Jospin aproxima ainda mais os dois países. Além disso, o Brasil é apontado por França, Inglaterra e Alemanha como o porta-voz da América do Sul junto à União Européia, e como o principal esteio para a manutenção da democracia na região. Outro ponto que acaba aprofundando as relações entre os dois países é o estreito canal de ligação entre o ministro brasileiro das Relações Exteriores, Luiz Felipe Lampreia, e seu colega francês, Hubert Vedrine. “Essa proximidade facilita a superação da burocracia das administrações públicas”, afirma o diplomata francês.

Quem acompanha de perto as movimentações do governo de

Jospin sabe que a França vem se preparando para se transformar em uma espécie de moderadora entre o liberalismo americano e a corrente dominante da globalização. “A França quer ter uma independência internacional, mas para isso precisa de parceiros que tenham importância em suas regiões, como é o caso do Brasil na América do Sul”, ressalta um assessor do ministro Lampreia. Ele lembra que, no processo de seleção, os franceses procuram definir particularidades de cada país, que na França se chama de identidade cultural. A pergunta que se faz, então é por que a França, que quer caminhar rápido para uma parceria estratégica com o Brasil, impõe tantas barreiras aos produtos brasileiros, especialmente aos agrícolas, em seu mercado? É o embaixador Marcos Azambuja quem responde: “Isso acontece porque a França não consegue competir com vários de nossos pro-

duto. Na agricultura, principalmente, somos quase imbatíveis num quadro sem barreiras.”

Esses entraves, no entanto, não vão durar para sempre, acredita o ministro da Agricultura, Marcus Vinicius Pratini de Moraes. E serão os franceses, que hoje emperam a entrada de produtos brasileiros, que abrirão as porteiras. Um deles será Charles Doux, presidente da empresa batizada com o seu sobrenome. A Doux comprou recentemente o controle acionário da brasileira Frangosul, que exportará frangos para a

França, o único mercado da UE fechado a esse produto do Brasil.

Na avaliação dos diplomatas brasileiros, os entraves comerciais impostos ao Brasil pela França ainda estão longe de prejudicar a aproximação entre os dois países. O presidente do Centro de Estudos Brasileiros da escola de Autos Estudos Sociais da França, Ignacio Sachs, se mostra um pouco cético quanto ao avanço das relações entre o Brasil, o Mercosul e a União Européia. “Temos que lembrar que as presidências dos dois blocos econômicos mu-

dam a cada seis meses”, diz o professor. Mas ele ressalta que não há como negar que o Brasil e a França estão cada vez mais próximos. Estéphan Witkowski, chefe para as Américas do Movimento de Empresas da França (Medef), espécie de Confederação Nacional da Indústria (CNI) local, acrescenta: “A América do Sul é prioridade para os franceses”.

Segundo os especialistas, olhando para a UE, fica fácil entender por que Fernando Henrique quer zelar pelas relações entre o Brasil e a França. A economia francesa é a que mais cresce entre os países mais ricos da região. Desde 1997, a França vem se expandindo ao ritmo médio de 3% ao ano, frente a 1% registrado pela Alemanha e Itália em igual período. Esse avanço deverá se manter pelo menos até 2001, aposta a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), que reúne os países mais ricos do mundo.

Dados do governo francês mostram que a taxa de investimentos na França aumentou mais de 10% nos dois últimos anos. O desemprego registrou, em maio, uma taxa inferior a 10%,

o menor índice desde 1991, quando a França mergulhou em uma forte recessão, informa a ministra francesa do Trabalho e de Seguridade Social, Martine Aubri. E é ela quem dá outra boa notícia: o sistema de previdência social da França, que estava praticamente falido, apresentou, no ano passado, saldo positivo de US\$ 32,2 milhões. Para este ano, as projeções indicam superávit de US\$ 2 bilhões. O resultado é que a gestão de Lionel Jospin aparece nas pesquisas de opinião pública como melhor do que o previsto para 63% dos entrevistados.

Sustentado por essa força, o governo francês quer aproveitar a presidência da UE para emplacar um sonho antigo: o de criar um conselho de governo econômico que se sobreponha ao Banco Central Europeu na administração do euro, a moeda comum européia que começou a circular em janeiro de 1999. Essa idéia é vendida, principalmente, pelo ministro de Finanças da França, Laurent Fabius, sobre o argumento de que a fragilidade do euro, que caiu 23% no ano passado em relação ao dólar, decorre da falta de coalizão política entre os 11 países da UE.

União Europeia

ANÁLISE DA NOTÍCIA

MAIS FORTE PARA A ALCA

Marcos Savini
Da equipe do **Correio**

É uma feliz coincidência. No próximo semestre, a França assume a presidência rotativa do Conselho Europeu; o Brasil assume a do Mercosul. Com isso, os dois governos poderão avançar nas negociações do futuro acordo de livre comércio que União Européia (UE) e o Mercosul aceitaram iniciar durante a Cimeira do Rio, há um ano.

Não é segredo que, sem o apoio francês, nenhuma negociação comercial com a União Européia deslancha. A França foi exaustivamente acusada de ter sido, e ainda ser, a pedra no sapato no processo de negociações comerciais entre o Mercosul e a UE. Portanto, conseguir um engajamento da França é um passo fundamental para o Brasil e os parceiros do Mercosul abrirem ainda mais as portas do mercado europeu para suas exportações agrícolas — que é o maior comprador de produtos agropecuários brasileiros e argentinos.

O interesse é mútuo. Além de mais exportações, o Brasil garantiria o equilíbrio de seu comércio, hoje dividido em partes quase iguais entre a Europa, os Estados Unidos e a América do Sul. Além disso, a perspectiva de acordo com a UE dá maior poder de fogo ao país (em relação aos Estados Unidos) nas negociações de uma Área de Livre Comércio das Américas (Alca), marcada para iniciar em 2005. Para os europeus, há a óbvia necessidade de evitar que o Mercosul transforme-se em um mercado cativo dos norte-americanos — como aconteceu com o México depois da criação do Nafta.

TROCAS COMERCIAIS				
Valores das vendas e compras externas do Brasil em US\$ bilhões				
Bloco ou países	Exportações	Importações	Corrente comercial*	Participação (%)**
União Européia	1,441	1,228	2,669	27,42
Mercosul	0,843	0,645	1,488	15,29
Estados Unidos	1,132	1,074	2,206	22,67
Ásia	0,528	0,700	1,228	12,61
Outros	1,119	1,024	2,143	22,01
Total	5,063	4,671	9,734	100
* Exportações mais importações				
** Participação na corrente comercial total				
Fonte: Ministério do Desenvolvimento				